

ENTREVISTA

Teresa Martinho, investigadora em Lisboa

Maria Teresa Duarte Martinho é filha de Inácio Gonçalves Martinho e Maria Alice Duarte Martinho (para os mais velhos, é neta da "ti Balbina"). Nasceu em 13 de Maio de 1966 e tem 43 anos, sendo solteira e sem filhos. É licenciada em Sociologia e mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, bem como em Estudos Curatoriais, desenvolvendo actualmente a actividade de investigadora na área cultural, ligada ao Observatório das Actividades Culturais. **Entrevista na página 4.**



5º Encontro é na Castanheira a 27 de Março

Encomendação das Almas está viva

A Encomendação das Almas vai trazer à Castanheira vários grupos de dentro e de fora do concelho da Guarda, por iniciativa da Câmara Municipal. A Encomendação passou assim de prática religiosa tradicional a evento cultural mas para quem tem fé a ideia continua a ser de rezar pelas almas do Purgatório. **Páginas centrais**



CONFRARIAS Bucho e morcela na berra

As Confrarias Gastronómicas estão na moda. O Bucho já tem, a Morcela para lá caminha. A Castanheira pode aproveitar. **Pág. 2 e 3**

SUMÁRIO

Maria Coelha sai do
"Buraco", José Dinis deixa o
lugar de sacristão

Página 3

Águas na Castanheira

Página 7

Uma ideia para a Castanheira
– por Arsénio Saraiva Martins

Página 8

Recordar Manuel Tomé, taxista

Página 10

32 nascidos em 1940

Página 11

A Castanheira vista do Céu

Página 12

Comunicar é preciso



por Joaquim Igreja

Onde mora Fulano? Quem são os filhos de Sicrano? Qual o nome completo daquele indivíduo? O que faz aquela moça no seu local de trabalho? Quantos licenciados em Direito ou médicos há nesta terra? Como contactar este ou aquele?

Frequentemente estas e outras perguntas sobre castanheirenses vivos andam-nos na cabeça e não têm resposta. Muitas vezes no dia de um funeral, no 1º de Novembro, na Páscoa, no Verão, cruzamo-nos com pessoas que sabemos serem daqui desta terra ou seus descendentes mas que desconhecemos em tudo o resto. Mesmo neste jornal tem ocorrido muitas vezes que temos vontade de contactar este ou aquele castanheirense e que encontramos dificuldade de o contactar ou de obter resposta de maneira rápida. Quem sabe se ele não mora na rua ao lado da nossa? Quem sabe se ele não exerce a nossa profissão?

E como a comunicação hoje em dia pode aproximar o que está longe, não se entende que a Castanheira, através da AJAC, da Junta ou de outra associação, não tenha uma espécie de base de dados que junte toda a informação possível sobre os castanheirenses: o nome, a idade, o cônjuge e os descendentes, a morada, o contacto telefónico e de e-mail, a profissão ou actividade empresarial que desempenha, o local de trabalho, outras actividades desempenhadas, etc.

Deste modo, seria mais fácil, sem violação da privacidade, ter um panorama mais completo da diáspora castanheirense, da sua implantação no exterior, das mil profissões que os castanheirenses dominam, das nacionalidades a que se ligaram. Uma fotografia poderia ressuscitar amizades esquecidas, levantar recordações e promover o diálogo através do correio electrónico. E o que parece difícil pode ser fácil hoje se promovermos a aproximação através do e-mail ou da página da AJAC. Ou seja, se conseguirmos a comunicação através dos mais jovens, que dominam esta linguagem e que nos podem aproximar dos mais velhos.

Venho pois propor que um grupo de jovens da aldeia através de um projecto da AJAC se ponha no próximo Verão a fazer este trabalho de procura e de descoberta, de reconstituição da população castanheirense viva. Uma espécie de recolha do património genético desta comunidade. Será bom para eles e para a restante população. E não dói nada.

joaquim.igreja@nelvisao.pt

A morcela faz bem à alma



por Américo Rodrigues

O anjo é da Guarda. O ar da Guarda é o melhor de Portugal. Mas a morcela da Guarda é a melhor do Mundo. Todos sabemos disto há muito. Só que, censurados à nascença, não falamos do que nos dá prazer e a morcela da Guarda é fonte de grande fruição gustativa. Eu só de dizer isto

já estou a salivar. No fundo, gostamos de sangue. De porco, claro. E do pão nosso cada dia. E de cominhos. E de grelos, pois acompanhamos a morcela tostada com um fio de azeite e grelos viçosos.

Gostamos de morcela e não nos devemos envergonhar disso. Alambazamo-nos com ela, contra todas as recomendações médicas. Mas que se lixe: festa é festa! Agarramo-nos à tripa cheia de sangue e pão - a que chamamos morcela - e transfiguramo-nos. A morcela faz-nos bem à alma (que é um animal de bom gosto!). Dá-nos alegria e isso nos tempos que correm é uma grande... alegria! Não tenhamos, pois, reservas contra a morcela da Guarda. Ela é única, ela é uma peça de arte gastronómica.

Temos que dizer isto a toda a gente: a morcela guardense é a melhor que há. Nalguma coisa havíamos de ser os melhores. Pois bem, somos os melhores a fazer e a comer morcelas. Mas não podemos desfrutar deste privilégio como se vivêssemos em clandestinidade. Não sejamos egoístas e demos conhecimento ao Mundo de que a nossa morcela é património por classificar. É sabor de interesse público. Crie-se, então, uma confraria para proteger e divulgar a morcela da Guarda. Se a confraria der muito trabalho (eu prefiro comer) arranje-se um clube de amigos da morcela ou outra colectividade qualquer. Cultural, pois é de cultura que falamos.

A morcela deve ser acompanhada por bom vinho tinto, dos grelos já falei. De preferência, comamos a morcela acompanhados de amigos. A morcela (ou será o vinho?) aproxima as pessoas. Aproximemo-nos uns dos outros. Façamos festas a pretexto de uma boa morcela.

Viva a morcela da Guarda e arredores! Comedores de morcela, uni-vos!

Falares de repreender, acusar ou ofender na Castanheira

Jogo de memória (continua, se possível com a vossa colaboração)

Seu estafermo!

Sua abetarda!

És pior do que o dialho!

Ah, seu damongre!

Sua rele!

Comes que nem um lobo!

Sua gázia!

Seu rato do monte!

És pior que as escrava-terras!

Não vales um tostão furado.

Seu cu-roto!

Estás pior qu'ó Zé do Toito!

Andas aí feito cigano!

Seu beberrolas!

Seu bêbado dum raio, já para casa!

Seu labrego!

Seu monte de estrume!

És um cagado (cagadinho)!

Estás borradinho de medo!

És pior que o valha-me Deus!

Ah, seu marrano!

Seu javardo (javardão, javardolas)!

Seu encardido dum raio!

Fuinhas!

Estás cá um fistor!

Gatuno!

Saíste-me um melro!

Andas "parado" ou quê?

És cá uma raposa!

Seu cara de carneiro mal morto!

Seu cão!

Sua cadela aos cães!

Teimoso que nem uma mula!

Cabrão dum raio!

És feio que nem um bode!

Joaquim Igreja

“Bucho é património valioso”

Paulo Saraiva tem 44 anos e é natural da Castanheira, sendo o mais novo de seis irmãos, filhos de Joaquina Terras e Joaquim Saraiva. É casado e tem dois filhos, desde Novembro de 1984 é militar da Força Aérea Portuguesa e tem neste momento residência no Montijo. Viveu na Castanheira até aos seis anos de idade, depois seguiu para a escola primária do Bonfim na Guarda onde fez a 1ª classe e depois para o Sabugal onde estudou ali até se alistar como Voluntário na Força Aérea Portuguesa. O seu nome apareceu recentemente ligado à direcção da recém-formada Confraria do Bucho Raiano, com sede para já em Lisboa, na Casa do Concelho do Sabugal.



Paulo Saraiva está ao centro, de boina basca

O que é a Confraria do Bucho Raiano?

A Confraria do Bucho Raiano foi formalmente constituída em 6 de Maio de 2009, através da escritura na forma de associação sem fins lucrativos, com sede provisória nas instalações da Casa do Concelho do Sabugal em Lisboa. A confraria nasceu quando eu e mais dois ou três amigos nos juntávamos frequentemente para almoçar e cavaquear. Numa dessas conversas veio à mesa o tema das confrarias. Surgiu então a ideia “de fazermos uma Confraria”. Esta começou a ganhar forma. O produto escolhido por todos foi o “Bucho” pois era este que muitas vezes nos reunia à mesa. Dos produtos das nossas terras era o que mais se enquadrava de acordo com as nossas origens e também só era feito nos concelhos da raia. Resolvemos então avançar com a confraria, (já existia uma Confraria do Bucho em Arganil, e aqui o bucho é feito com arroz) no princípio em tom de brincadeira, e decidimos organizar o primeiro almoço de Bucho em Lisboa mais precisamente na Casa do concelho do Sabugal. Quanto ao objectivo, a Confraria tem por objecto social a promoção da gastronomia da região, e em especial do bucho raiano, produzido e confeccionado de forma tradicional. Esta agora Confraria vem realizando desde Novembro de 2007 encontros entre raianos, com especial enfoque no Concelho do Sabugal, tendo em vista promover o bucho e demais enchidos como peças gastronómicas de excelência.

Porque é que se confina ao concelho do Sabugal?

A confraria não se confina a um lugar ou espaço. Esta nasceu de gente amiga que se conhecem há muito tempo, alguns desde a meninice. Como se pode verificar o nome é Confraria do Bucho Raiano e não Confraria do Bucho Raiano do Sabugal. O Sabugal é apenas a origem da maior parte dos elementos da comissão instaladora que levou por diante a árdua tarefa de a constituir. Por outro lado a sede tem de ser em algum lugar. Como a Câmara Municipal do Sabugal e a Junta de Freguesia do Sabugal sempre nos incentivaram e apoiaram, faz sentido que a sede seja aqui.

O bucho da Raia é diferente do nosso bucho?

Não. O bucho é praticamente igual ao da Castanheira. Nos concelhos de Almeida, Guarda, Penamacor, Pinhel e Sabugal o bucho é confeccionado da mesma forma tanto quanto eu sei. Haverá particularidades eventualmente de uma ou outra aldeia mas a base dos temperos, carnes, tempo de maturação,

é igual. Foi também nesse sentido que fizemos os convites aos Srs. Presidentes de Câmara destes concelhos para estarem presentes neste último almoço a 13 de Fevereiro de 2010 no Sabugal e o qual decorreu muito bem. Estiveram connosco vários órgãos de comunicação social da região, desde a www.localvisão.tv, a Rádio Alitude, o jornal O Interior entre outros.

Que tipo de funções desempenha na Confraria?

As minhas funções foram escolhidas pelos meus pares e são as de tesoureiro (Almoxarife).

Dos corpos gerentes da confraria, o Paulo é o único fora do concelho do Sabugal. O que o levou a envolver-se?

Sim é verdade mas como já mencionei atrás, esta confraria nasceu de um grupo de amigos e, tendo eu muitos no concelho do Sabugal com os quais me relaciono tanto em Lisboa como lá, é a coisa mais natural. O que me levou a envolver e aos outros também foi a vontade de incentivar uma pequena parte da economia local através da divulgação e promoção de eventos dentro de fora dos concelhos de onde é originário o bucho. Esta divulgação e promoção podem ser feitas dos mais variados meios, e o da comunicação social é o objectivo principal claro. Deste modo podemos colocar no panorama nacional de vez em quando o nome desta iguaria e por sua vez o nome das suas origens. Aproveito esta oportunidade também para mandar um abraço a todos os Castanhenses espalhados pelo mundo.

Venham mais confrarias

Todos os produtos podem ser reconhecidos e promovidos através de uma confraria. A morcela doce, e não da Guarda, penso eu, é um produto de acompanhamento numa refeição. Um nome forte na minha humilde opinião para confraria é o de “Confraria dos Ossos de Assuã”. Este sim é um prato com tradição. Este pode ter como acompanhamento outros enchidos e, é claro, a morcela. Ainda hoje a tradição leva-nos a juntarmo-nos em família para comer “bucho” ou “ossos de assuã” e, em acompanhamento, outros enchidos. Para comer morcela já não é assim. Mas se entenderem ir em frente com uma confraria, seja da morcela ou outra, desejo-vos as maiores felicidades.

Paulo Saraiva

Entrevista a Teresa Duarte Martinho, investigadora

Qual foi o seu trajecto académico e profissional até hoje?

Depois de terminar a licenciatura em Sociologia (ISCTE, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa) e frequentar um curso para Jovens Jornalistas, organizado pelo jornal Público, em 1989, trabalhei como jornalista durante alguns anos na revista Marie Claire. Mais tarde, passei a trabalhar na área da investigação em sociologia da cultura. E prossegui estudos – mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação (ISCTE) e mestrado em Estudos Curatoriais (fbaul, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e Fundação Calouste Gulbenkian). Actualmente, estou a fazer o doutoramento em Sociologia, também no ISCTE.

Em que instituição ou instituições trabalha como investigadora e em que áreas?

Trabalho no Observatório das Actividades Culturais (OAC), fazendo parte do corpo de investigadores. Trata-se de uma associação sem fins lucrativos, tendo por associados fundadores o Ministério da Cultura, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Instituto Nacional de Estatística e ocupa-se da produção e difusão de conhecimentos que possibilitem dar conta, de uma forma sistemática e regular, das transformações no domínio das actividades culturais, com destaque para estudos de públicos, eventos culturais e respectivos impactos, políticas culturais, agentes (artistas, utentes de equipamentos culturais, etc.) e estudos de levantamento de instituições culturais (bibliotecas, museus, etc.).

O que faz em concreto uma “investigadora” diante de uma temática? Que exigências tem?

O trabalho de investigação consiste principalmente em tentar encontrar ligações entre factos que nos surgem desligados, para poder compreender um determinado fenómeno ou evolução e, assim, produzir conhecimento. A exigência que tenho é a do rigor, ou seja, tentar conseguir encontrar uma leitura que evidencie o que realmente existe e que não seja moldada pelo que eu acharia desejável que existisse.

Qual é o trabalho com que anda em mãos actualmente?

Trata-se de um estudo sobre um projecto de descentralização



cultural, o Programa Território Artes, promovido pela Direcção-Geral das Artes/Ministério da Cultura desde 2006.

Que outras actividades ocupam a sua vida? Que hóbis tem?

Passear, ler, estar com a família e os amigos, ver espectáculos.

Também escreve poesia? E que mais, já agora?

Publiquei um livro de poemas em 2006, na editora Vendaval, e, mais recentemente, um conjunto de novos textos na revista Telhados de Vidro (Averno), nº13. O trabalho da escrita tem-me dado gosto, quem sabe se outras modalidades praticarei.

Que relação mantém com a Castanheira? Sente afeição por esta terra? Vem cá frequentemente?

Conheci a Castanheira através do meu pai, que aí nasceu e gostava muito deste lugar e por isso lá permanece. A afeição começa por aqui. Passei nesta aldeia, mais na infância, muitos dias das minhas férias de Verão. Deu-me, juntamente com outra terra – Alvares (onde nasceu a minha mãe, situada entre Lousã e Pedrógão Grande) – o conhecimento e o gosto da natureza. Continuo a preferir a cidade e a praia ao campo mas sei que só nestas aldeias do interior é possível subir às pedras grandes, ter outras perspectivas, atravessar arvoredos em grandes caminhadas e ter a boa sensação de algum deserto. A Castanheira esteve sempre presente nas palavras e nos projectos do meu pai. Nas palavras, principalmente quando nos contava histórias e episódios da sua infância na antiga Castanheira, onde uma boa pessoa era considerada (dizia Inácio Martinho) ‘um Portugal velho’. Guardo, destes relatos – além dos fantásticos momentos – uma ideia principal: um lugar com dificuldades também pode ser um espaço de alegria e de afectos. A afeição vem ainda da lembrança da minha avó Balbina Tomé – pessoa invulgar, pelo espírito inventivo e atitude não resignada. Vou, actualmente, à Castanheira em datas simbólicas – o meu pai faleceu em Julho de 2009. Em memória, vou muito frequentemente.

Entrevista de Joaquim Igreja

“Uma ideia para a minha aldeia”



por **Arsénio Saraiva Martins***

No último Boletim do “CASTANHEIRA JOVEM”, o Dr. José Martins Igreja, ofereceu-nos uma mão-cheia de ideias. E, porque, segundo o seu autor, as ideias ficaram, também, à disposição dos que têm o poder ou o venham a ter no futuro, isto é, dos autarcas, julgo útil ler a página, na Internet, da Junta de Freguesia - www.jf.castanheira.com - : as potencialidades da nossa aldeia são o artesanato, a floresta e a pequena indústria, mas essas potencialidades são condicionadas pelo envelhecimento da população e pela localização periférica. A localização é, actualmente, irrelevante, pois a A25 está a escassos quilómetros. O envelhecimento da população é um facto, aparentemente irreversível. Mas outras terras têm implementado algumas medidas e com algum êxito, visando obstar ao processo de despovoação. Relativamente às actividades económicas, mencionam-se a agricultura, o artesanato – mantas, passadeiras de farrapos e rendas –, a serralharia, a indústria

de madeira, a construção civil e o pequeno comércio; na gastronomia, mencionam-se os enchidos. Merece realce positivo o convite do executivo autárquico a todos aqueles que visitam a Castanheira na Internet para que a visitem fisicamente, porque, só pela visita à nossa aldeia, é possível conhecer “o seu artesanato, descobrir a sua paisagem natural e a sua hospitalidade”. Ora, a este apelo turístico, não corresponde a existência de infraestruturas – v. g., um restaurante –, oferta de bens e serviços que possam satisfazer os visitantes – v. g., uma loja de produtos artesanais. Mas o “caminho faz-se, andando”... Por isso, aos autarcas, às associações, a cada um de nós cabe o dever de contribuir para o desenvolvimento sustentável da nossa aldeia, mediante o associativismo, a preservação e a promoção da Cultura e das Tradições, a preservação da floresta, a protecção do ambiente e a conservação da Natureza. Em que medida a nossa aldeia está a trilhar estes caminhos?! Eis algumas questões, afinal, algumas ideias para reflexão futura.

* **advogado e ex-conservador do Registo Predial em Vouzela**

Castanheira em movimento

Nascimentos



Carlos David Saraiva Miguel, filho de Sandra Maria Pereira Saraiva Miguel e Sérgio Pinheiro Miguel

Data de nascimento:
28/12/2009



João Miguel Ascensão, filho de Carina Pinheiro Miguel Ascensão e Jorge Filipe Torres Pereira Ascensão

Data de nascimento:
01/01/2010



Matilde Inês Marques Veloso Fortunato, filha de Tânia Marques Veloso Fortunato e Daniel Marques Fortunato

Data de nascimento:
13/01/2010

*Se desejar ver publicado no Castanheira Jovem o nascimento de algum bebé deverá enviar os dados e uma foto para castanheira.jovem@ajac.com.pt

Óbitos

Joaquim Gonçalves Carreira – 20/10/2009
Genoveva Fortunato – 13/12/2009
Lurdes da Conceição – 14/12/2009
António Gonçalves Martinho – 08/01/2010
Manuel José Marques Monteiro – 14/02/2010

Nascidos na Castanheira em 1940

Joaquim Gonçalves Igreja (1 Janeiro)
Júlio Gonçalves Braz (30 Janeiro)
António Marques Abadesso (03 Fevereiro)
Manuel José dos Santos (6 Fevereiro)
Maria Miquelina Diniz (7 Fevereiro)
Maria Leonilde Pereira (8 Fevereiro)
Maria José Gonçalves (19 Fevereiro)
Maria Diolinda (22 Fevereiro)
Irene de Jesus (26 Fevereiro)
Maria Beatriz (27 Fevereiro)
Prazeres Dinis Teixeira (24 Março)
Maria Judite Gonçalves Dias (25 Março)
Maria de Lurdes da Purificação (19 Abril)
Carlos dos Santos Ferreira (3 Maio)
Joaquim Domingos Gonçalves (4 Maio)
Maria Arlete Marques (2 Junho)
Maria Cândida Gonçalves Victoria (3 Junho)
Maria Otilia Lage (5 Junho)
Manuel Gonçalves Lino (27 Junho)
Carlos Alberto Terras Rebelo (16 Julho)
João Terras Abadesso (12 Setembro)
Albino Marques Dinis (3 Outubro)
Manuel Alves Preizal (28 Outubro)
Ana Teresa Ramos (29 Outubro)
Emília Celeste Maria (15 Novembro)
Fernando António Pereira (18 Novembro)
Maria da Conceição Alexandre (19 Novembro)
António Albino Marques Teixeira (19 Novembro)
Joaquim dos Santos Abadesso (25 Novembro)
Fernando Saraiva Fortunato (2 Dezembro)
Alfredo Alexandre Pires (4 Dezembro)
Maria da Anunciação Ferreira (29 Dezembro)

No próximo número divulgaremos os nascidos em 1950.

Encontro de Grupos de Encomendação das Almas na Castanheira

A Encomendação das Almas é uma manifestação popular de carácter religioso em que um grupo de pessoas sai na altura da Quaresma, durante a noite, rezando e cantando pelas almas dos mortos. O seu principal objectivo é justamente rezar pelas almas do purgatório, pedir intercessão pelas almas dos que já morreram e assim reciprocamente, que as almas intercedam pelos que fizeram as orações.

Esta tradição religiosa ainda persiste em diversas freguesias do Concelho da Guarda, juntando grupos de homens e mulheres que, vestidos de negro, saem pela calada da noite, teimando em fazer sobreviver um ritual cuja origem, como na maioria das tradições, se perde no tempo e corre, como tantas outras, o risco de se perder.

A sua continuidade está a ser apoiada pela Câmara Municipal

da Guarda que organizará, este ano, na Castanheira, dia 27 de Março, pelas 21h30, o 5º Encontro de Encomendação das Almas. A iniciativa contará com a participação de sete colectividades: Grupo de Cantares "A Mensagem", Grupo de Cantares "Camponeses de Aldeia do Bispo", Grupo de Cantares "Ontem, Hoje e Amanhã", Grupo de Encomendação das Almas da Faia, Grupo de Encomendação das Almas da Castanheira, Grupo de Encomendação das Almas do Marmeleiro, Grupo "Vozes da Quinta" de Qº de Gonçalo Martins num total de cerca de 180 pessoas envolvidas.

A culminar haverá no final a actuação do Grupo convidado "Cantares de Almeirim e Padre Ricardo Mónica", na Igreja Paroquial da Castanheira.

Este ano, para além do Encontro de Encomendação das Almas será



apresentado, pelas 18h00, na sede da Associação da Juventude Activa da Castanheira, o Catálogo "Encomendação das Almas no Concelho da Guarda – A singularidade de uma tradição secular".

Esta actividade é dirigida à população em geral.

O Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda

O grupo de Encomendação das Almas da Castanheira



Tal como em muitas das aldeias da nossa região, na Castanheira ainda é frequente encontrar grupos de crentes que de uma forma espontânea se reúnem nos locais cimeiros das povoações para entoarem cânticos e rezarem a pedir perdão pelas almas que estão no purgatório. Tais manifestações, uma mescla de religiosidade com tradição popular, são conhecidas como encomendação das almas.

Considerando o risco de tal manifestação se perder com o desaparecimento das pessoas mais velhas, a associação em 2005 envolveu-se com um pequeno grupo de pessoas da Castanheira e organizou uma encomendação das almas com o intuito quase único de efectuar a recolha e o registo dessas tradições. Em 2006, graças ao envolvimento e impulso da Câmara Municipal da Guarda, foram lançados os encontros dos grupos de encomendação das almas que garantiram a

continuidade desta tradição.

Tal vivacidade, no caso do grupo da Castanheira, é facilmente constatada não só pelo aumento do grupo mas essencialmente na atenção em integrar novos elementos como forma de assegurar a transmissão e continuidade desta tradição, para assim ser possível continuarmos a ouvir na época quaresmal a entoação das encomendações das almas.

O grupo da Castanheira é constituído pelos seguintes elementos: Adelina Maria Pereira (65 anos), Ana Dinis (80 anos), Ana Marques (84 anos), António Dinis "Eugénia" (85 anos), Augusto Manuel Assunção Teixeira (48 anos), Aurélio Alexandre Orfão (67 anos), Conceição Miguel Pereira (47 anos), João Joaquim Saraiva (76 anos), Joaquim Santos Pereira (65 anos), Lucília Dinis Pereira (63 anos), Manuel Nascimento Miguel Pereira (54 anos), Maria Amélia Marques Alexandre (66 anos), Maria Augusta Dias Pereira (70 anos), Maria Celina Marques (66 anos), Maria Coelho Órfão Marques (61 anos), Maria de Lurdes Gonçalves Lino (64 anos), Maria de Lurdes Marques Teixeira (67 anos), Maria Estela Pereira Fortunato Monteiro (62 anos), Maria Inácia Marques Teixeira Dinis (60 anos), Maria Manuela Tomé Monteiro Esteves (39 anos), Maria Palmira Ferreira Santos (61 anos), Maria Rosa Pires (75 anos), Paulo Jorge Monteiro Esteves (11 anos), Paulo Manuel Gonçalves Esteves (44 anos), Pedro Dinis (86 anos), Rosa Augusta Dias Rebelo (64 anos), Sónia Marina Monteiro Esteves (13 anos) e Tiago Filipe Saraiva Gomes (16 anos).

O canto do silêncio

Na calada da noite, durante o período quaresmal, ouvem-se, sobretudo nas aldeias, os cânticos soturnos e alongados chamados amentas ou ementas, como se queira dizer. No Marmeleiro, concelho da Guarda, estes cânticos são tradicionalmente conhecidos por “Encomendação das Almas”.

Este costume ancestral radica-se, segundo alguns, na prática da via-sacra também muito usual neste tempo. Esta opinião tem como suporte não só a coincidência da época mas também o ritual usado e os dizeres de algumas melodias.

Como no caminhar para o Calvário se pára, com o objectivo de reflectir, com maior piedade, nos passos desta cena da Paixão do Senhor, também na Encomendação das Almas se pára, aqui e além, quase sempre nos lugares mais altos. O encontro é sempre junto da porta principal da Igreja Paroquial e, a partir daí começa uma caminhada marcada pelo canto melodioso e pelo silêncio. O grupo confunde-se com a noite, pelas vestes escuras e modestas, com os xailes pelas cabeças, trazendo à mente o sentido de um certo luto e tristeza. No final de cada ‘poiso’, tal qual no exercício do caminho doloroso, é rezado o ‘Pai nosso’. O canto vai lembrando, mesmo aos que já se encontram a descansar, que devem rezar um “Pai

nosso” pelas almas. Ao deslocar-se

o grupo, de um para outro ‘poiso’, o silêncio nem pelo seu andar é perturbado.

No Marmeleiro, a tradição da “Encomendação das Almas” ainda está muito enraizada, principalmente nos mais idosos. Tal como antigamente, também agora, este canto do silêncio é feito nos sítios mais altos da aldeia e a horas tardias. Pela profundidade e sonância musical, a “Encomendação das Almas” continua a ser um canto que mete medo e convida as pessoas à oração. Sem grandes alterações, o texto e a melodia da “Encomendação das Almas” no Marmeleiro vão cruzando tempos e pessoas, deixando uma marca própria de um povo temente e crente em Deus.

Nesta Quaresma, o canto há-de voltar a ecoar pela calada da noite, nas ruas do Marmeleiro.

«Bendita e louvada seja
A sagrada morte, paixão
De Nosso Senhor Jesus Cristo.

*

Acorda cristão, acorda
Desse sono em que estás
As almas do purgatório
Clamam cada vez mais.

*

Um Pai Nosso e uma Avé Maria
Seja pelo divino amor de Deus».

Francisco Barbeira
Centro Cultural e Social do
Marmeleiro



Encomendação das Almas

Escutai e ouvireis as almas
Que gritos dão
Rezemos um padre-nosso
Que o temos de obrigação

Recorda cristão que és terra
Olha que há-de morrer
Hás-de dar estreitas contas
Do teu bom e mal viver

Passageiros que passais
Vós passais e eu cá fico
Rezemos um padre-nosso
É o que eu mais necessito

Passageiros que passais
Vós passais, ides passando
Rezemos um padre-nosso
Às almas que estão penando

Os meus dias foram fumo
Os meus ossos se mirraram
Como as flores em seco estio
Como as ervas se murcharam

Aberto livro selado
Onde tudo está escrito
Onde o mais leve delito
Do mundo será julgado

Donativos à AJAC

Nomes	Quantia
Alberto Alexandre Pires	50,00€
Alberto Martinho Gonçalves ..	100,00€
Anónimo	25,00€
Anónimo	20,00€
Anónimo	100,00€
António Carreira.....	20,00€
António João Pereira.....	20,00€
António Monteiro Igreja	500,00€
António Terras Rebelo	20,00€
Emanuel Pereira Saraiva	25,00€
Gabriela dos Santos	5,00€
Grupo Coral da Castanheira ...	15,00€
Joaquim Alexandre.....	50,00€
Pompeu Rebelo	20,00€

Só a água da rede tem qualidade garantida

“Como anda a qualidade da água na Castanheira?” Esta é decerto uma pergunta que paira na cabeça de muitos Castanheirenses.

No que respeita à água da rede pública, aparentemente, não há razões para preocupações, pois, através dos resultados do Controlo da Qualidade da Água de Abastecimento para Consumo Humano, obtidos junto do SMAS (Serviços Municipalizados de Água e Saneamento), verificamos que os parâmetros microbiológicos apresentam valores iguais e/ou inferiores ao valor paramétrico do Decreto de Lei n.º 306/2007, ou seja, a água é potável.

E relativamente à água dos fonta-

nários, estará esta em condições de ser utilizada para consumo da população e dos que por ali passam? Esta é uma questão pertinente cuja resposta não é encontrada mesmo quando nos dirigimos a esses locais, já que se verifica a ausência de placas informativas sobre a qualidade da água. Bastaria uma simples placa com indicações do género: “Água não vigiada”, “Água imprópria para consumo” ou até “Água vigiada”, para deixarmos de estar perante um problema de saúde pública para passarmos para uma questão da esfera individual, pois uma vez dada a informação, fica ao critério de cada um aceitar ou não.



No entanto, outra questão se levantaria. Como é que a população Castanheirense reagiria se visse uma placa com indicação de água imprópria para consumo num fontanário onde consideram a “água boa” e onde se abastecem há décadas?

Alexandra Marques

Recursos hídricos

Grandes extracções de água obrigam a licença para poços



A Lei da Água (Lei n.º 58/2005, de 29 de Dezembro) e o Decreto-Lei n.º 226A/2007, de 31 de Maio, estabelecem a identificação dos recursos hídricos públicos e particulares, e a forma como são usados, nomeadamente: poços, noras, furos, minas, charcas, barragens, açudes ou descargas de águas residuais (fossas). Este processo de regularização revelou-se pouco claro, ambíguo e muito burocrático.

Neste quadro jurídico verificam-se dois casos. Para captações de águas subterrâneas particulares já existentes, nomeadamente furos e poços com meios de extracção até 5cv, não é necessário qualquer título de utilização, nem têm de proceder a qualquer comunicação obrigatória. No entanto, os utilizadores poderão a título voluntário comunicar à Administração da Região Hidrográfica (ARH) a sua utilização, garantindo que não serão consentidas captações conflituantes com as suas e contribuindo para um melhor conhecimento e uma melhor gestão global dos recursos hídricos. O segundo caso

surge para as novas captações (início de utilização posterior a 1 de Junho de 2007) com estas características apenas é necessário proceder a uma mera comunicação à respectiva ARH, não existindo qualquer taxa administrativa associada a este processo.

Apenas os utilizadores de recursos hídricos que dispõem de meios de extracção significativos (superiores a 5cv) ou cujo volume extraído seja superior a 16.600 m³/ano carecem de um título que permita essa utilização. Estes utilizadores devem proceder à regularização dessas situações junto da respectiva ARH, até ao dia 31 de Maio de 2010, não existindo, também neste caso, qualquer taxa administrativa. A regularização passa por um requerimento de Licença de Utilização dos Recursos Hídricos, de acordo com a localização e características da utilização. Este deverá ser entregue na delegação da ARH da Guarda que fica no Gaveto da Rua Pedro Álvares Cabral com a Rua Almirante Gago Coutinho na Guarda. O horário de funcionamento vai desde as 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30.

.Apesar das várias tentativas para esclarecer a população, a dúvida permanece no ar pois a fronteira entre o voluntário e o obrigatório é ténue e não se sabe até que ponto uma comunicação, agora considerada voluntária, não se poderá traduzir no futuro num conjunto de preocupações acompanhado do pagamento de vários euros.

Alexandra Marques

Igreja sem água benta

O pânico em relação ao vírus da Gripe A (H1N1) instalou-se um pouco por todo o mundo e nem a nossa pequena aldeia ficou indiferente. De entre as várias medidas que fazem parte do plano de contingência, as que tiveram maior impacto junto da nossa população foram ao nível religioso. Foram vários os avisos realizados pelo pároco da freguesia: a recepção da comunhão com a mão, a saudação facultativa e o beijar do menino, tão tradicional em todos os Natais, que conheceu este ano uma nova vertente, que passou por fazer uma simples vénia ou toque perante o menino Jesus. Além destas medidas temporárias, a que permanece bem evidente junto de todos é a ausência de água benta nas pias junto às entradas da igreja.

O ritual repete-se: dia após dia, domingo após domingo, quase como um instinto que nos leva a “mergulhar” a mão num vazão. Deste modo, surgem várias questões pertinentes: Para quando o regresso da água benta na igreja? Não será esta uma medida exagerada que pode “abalar” a fé religiosa?

Alexandra Marques





TESTEMUNHO

Retrato de 20 anos à frente de um café

Maria Coelho saiu do "Buraco"

Os 20 anos à frente do café "Buraco", propriedade da ACDC, foram bons, embora tenham vindo a piorar bastante em termos de negócio. No início havia muitos clientes, alegres, que ajudavam a passar o tempo bem e depressa. Recordo as noites com o "Buraco" cheio de gente até às 2h e 3h da manhã. Não falando nas noites que continuavam até ao amanhecer, mas, claro, com a ajuda das minhas filhas. Noites a cantar, a jogar, a contar anedotas, e a beber bastante. O antigo "Buraco", antes de sofrer alterações, era propício ao jogo das cartas, raiola, carca e o antigo dominó. Os treinos do futebol da Castanheira enchiam o "Buraco", eram noites de trabalho e bastante alegria. Toca a fazer 2 sandes para cada jogador, com uma rodela de chouriço, acompanhados por penáltis de vinho. Nesta tarefa toda a gente ajudava. Havia muitos jovens, e preferiam ficar na Castanheira ao invés de sair, tornando a Castanheira, e consequentemente o "Buraco", com mais vida. Há 20 anos atrás, posso dizer que era um negócio rentável. Apesar das "bebedeiras", a boa disposição dos clientes e a sua vivacidade facilitavam o trabalho atrás do balcão.

Os últimos anos foram bastante mais complicados, não só pela mudança de vida da população, como também pelo facto de não ter tanta ajuda por parte das filhas. Os tempos mudaram, os jovens preferem sair da aldeia, as pessoas mais adultas preferem ficar em casa, transformando o "Buraco" num vazio. Ultimamente os serões duravam apenas até às 22h00, e apenas com 2 ou 3 pessoas. Já não há a alegria e animação como no início da actividade. Esta falta de clientes, com as longas horas fechada no interior do café, são a principal causa do meu cansaço e da impaciência que sentia ultimamente. Acordar às 6h30 e ficar a pé até às 22h00 sem ver rentabilidade é bastante desmotivante.

Mas posso dizer que os 20 anos atrás do balcão, possibilitaram um conhecimento bastante profundo das pessoas que frequentavam o "Buraco". Umas mais fáceis de "aturar", outras mais "difíceis", mas as recordações que ficaram são mais positivas do que negativas.

Fico contente por continuar a ver o "Buraco" de portas abertas, aproveitando para desejar o maior sucesso aos novos proprietários.

Maria Coelho

José Dinis, antigo sacristão

12 anos de sacrifício acabaram

Foi tesoureiro da Mordomia do Senhor no ano de 1984/1985, sendo mordomos Albino Marques Martins e Manuel José Marques Monteiro, ano em que o Padre Diamantino o desafiou para tirar o curso de Ministro da Sagrada Comunhão. José Dinis bem disse ao Padre Diamantino que não podia ser porque era bastante nervoso e não se achava com condições de exercer tamanho cargo, mas este retorquiu-lhe que nesse caso ele também não deveria estar a exercer as funções de sacerdote. Deste modo, lá aceitou.



Desde essa data a religião acompanhou sempre a sua vida. Mas foi no ano de 1996/1997, quando era tesoureiro Alfredo Marques Abadesso e mordomos José Gonçalves Osório e António André Teixeira que começou a sua dedicação maior à Igreja. Isto surgiu quando o Ti Zé Osório (indicado como mordomo novo) foi à "Carreira" junto de José Dinis e lhe fez a proposta: "Pede-me o que quiseres mas eu só entro de mordomo se tu me fizeres o meu trabalho". Devido à pessoa que era, José Dinis aceitou, recebendo pelo trabalho a quantia de 90 contos. O contrato podia parecer bom mas a obrigação não permitia falhas ao longo de todos os dias, coisa a que nem toda a gente se sujeitava. No contrato verbal ficou definido que englobava tocar o toque das Ave-marias, estar sempre presente nas missas, baptizados, funerais e aniversários, auxiliando o sacerdote, tocar o toque das trindades e abrir e fechar as portas da igreja, tudo isto diariamente. Depois de efectuar o serviço do Ti Osório, António André fez também a mesma proposta e José Dinis aceitou. Lembra que os tempos eram outros e o pagamento efectuado pelos mordomos saiu-lhes do bolso. Mesmo assim ambos lhe deram mais do que o contratado, pelo serviço prestado. No ano seguinte, com o tesoureiro João Joaquim Saraiva e mordomos António Jerónimo dos Santos e Manuel do Nascimento Pereira, o pároco da altura propôs na Igreja que se devia pagar a uma pessoa com a receita da igreja, mas ninguém quis ficar a desempenhar essas funções, assumidas novamente pela mesma pessoa. Seguiram-se outros mordomos e outros párocos e José Dinis estava lá sempre até ao ano de 2008/2009, em que, por motivos de saúde, teve que abandonar essa tarefa deixando os mordomos António Abadesso e Carlos Lucas, sendo tesoureiro Joaquim José Gonçalves Carreira, com todo o trabalho que noutros tempos também lhe caberia por inerência.

Assim, o seu contributo directo na igreja cessou na Festa do Senhor do ano 2009 (teria cessado um ano antes, se não fosse mordomo o seu sobrinho Carlos). Presentemente os actuais mordomos desenvolvem todo o trabalho relacionado com o dever da mordomia do Senhor. José Dinis lembra que não é um trabalho fácil, não pelo esforço físico mas sim pela carga de responsabilidade e pontualidade que é necessária neste tipo de funções. Relembra que todos os dias começam com o toque das Ave-marias, logo pela madrugada mais ou menos com uma hora de antecedência do "romper do estrelão". Embora neste momento não haja celebração da eucaristia diariamente, houve tempos em que isso acontecia todos os dias, o que o obrigava a estar muito dependente dos horários das missas. Antes das celebrações ou outras actividades religiosas, tudo tinha que estar pronto para não falhar nada, tocava-se o toque da "vez-do-meio"

Manuel Tomé, taxista

O sr Manuel Tomé, o taxista mais antigo da Castanheira, além de fazer as suas voltas por estas bandas, também se aventurou a percursos mais longos, como as viagens à Alemanha e à França. No seu táxi, uma carrinha de 9 lugares, transportava os conterrâneos (da Castanheira, Rabaça, Freixo, etc) até ao país onde trabalhavam ou iam visitar familiares. Não há datas concretas para saber quando começou com estas longas viagens, mas foram muitos anos de idas e vindas a passar fronteiras.

Durante, pelo menos, 6 anos fiz a viagem Castanheira/ Frankfurt am Main com o Sr. Manuel Tomé, em que ia passar as férias com os meus pais. A primeira vez que viajei com ele tinha eu 4 anos de idade e não me lembro como foi. Foram muitas as aventuras naquela carrinha de 9 lugares.

Partíamos de madrugada por volta das 4 ou 5 da manhã e levava sempre comigo a minha almofada e uma mantinha, para não falar do meu "farnel" para a viagem. Em Espanha e em França tínhamos restaurantes onde era costume parar. Em França era o frango assado e de entrada havia sempre um prato de salada. Na Espanha havia sempre bifes com batata frita. A viagem era feita por estradas nacionais para fugir aos custos das auto-estradas. A viagem era muito longa, demorávamos mais de dia e



meio, sem contar que por vezes tínhamos de parar em França para deixar pessoas. Quando chegávamos à fronteira, era pedido para estarmos quietos e não fazermos barulho para não nos mandarem parar, o que por vezes acabava por acontecer, e nos faziam esvaziar a bagageira e abrir as malas. Quando o Sr. Manuel ficava com sono, já sabíamos: ele começava a coçar a careca. Quando nós, miúdos, estávamos a dormir, era habitual o Sr. Manuel pôr as cassetes de piadas para adultos, o que era sempre bastante divertido. Quando chegávamos ao destino era uma grande emoção. Éramos muitos miúdos que na altura das férias acabávamos por nos rever, porque eram sempre os mesmos que viajavam. Muitas vezes a carrinha ia lotada e tínhamos de nos apertar bastante. Como de prever com miúdos, muitas vezes havia indisposições e muitos pedidos para parar e fazer chichi...

Lembro-me que me custou bastante quando soube da doença do Sr. Manuel e ainda cheguei a visitá-lo no hospital e, mais tarde, recordo-me de ir ao seu funeral. Foi o primeiro funeral que me lembro. Eu era miúda (7 / 8 anos) e, como gostava dele, chorei bastante. Foram viagens engraçadas onde o Sr. Manuel dizia que eu era muito faladora.

Ana Miguel

CASTANHEIRAS POR TODO O LADO

Castanheira do Campo (S. Silvestre – Coimbra)

A Freguesia de S. Silvestre é constituída pelos Lugares de S. Silvestre; Quimbres; Castanheira e Zouparria do Campo. A povoação de S. Silvestre, sede da Freguesia com o mesmo nome, no Concelho de Coimbra, dista 10 km desta cidade e tem de área 10,279 km². Situada entre S. João do Campo e S. Martinho de Árvore, possuía 3.092 habitantes no ano de 2001.

Na origem dos lugares e nos raros anais dos arquivos oficiais, apenas há vestígios de registos sobre Zouparria do Campo, sem qualquer referência a Castanheira do Campo. Existem, no entanto, alguns testemunhos de residentes em ambos os lugares que associam a criação do nome do lugar à família ou famílias com o apelido Castanheira que, em tempos idos, foram senhores daquelas terras, provavelmente, na mesma época em que um tal de Martinus Zouparel tomou posse das outras terras que delimitam o lugar de Zouparria.

Podemos concluir, sem grande margem de erro, que a história de Castanheira do Campo é idêntica à de Zouparria

do Campo, pois os caminhos que, ao longo do tempo, percorreram as suas populações cruzaram-se e entrelaçaram-se, nos mesmos usos e costumes, herdados pelas gerações que, historicamente, fizeram parte daquele aglomerado. Com algumas exceções, ambas as populações souberam conjugar esforços no sentido de obtenção dos objectivos que servissem os seus reais interesses.

Castanheira do Campo, a par do seu germinado lugar e felizmente de tantos outros, possui, hoje em dia, para orgulho dos seus cidadãos, as condições essenciais para que os residentes e potenciais futuros moradores tenham uma vida digna. Dos seus cerca de 300 habitantes contam-se pelos dedos os que se dedicam à agricultura a tempo inteiro. A maior fatia da população trabalha em Coimbra na área de serviços terceiros, uma vez que, lamentavelmente, a indústria, que foi o pólo



de desenvolvimento da cidade com muita empregabilidade, quase desapareceu da cidade e arredores. Algumas famílias repartem a sua actividade profissional com a cultura da vinha e de outros produtos agrícolas, essencialmente, para consumo caseiro.

Nada é estático, tudo é dinâmico. O tempo simboliza o passado, o presente e o futuro. É, pois, sinónimo de mudança protagonizado pelas naturais alterações políticas, sociais e ambientais. Nos tempos que correm, as populações escudam-se nos Órgãos Autárquicos mas também nas Associações locais. Castanheira do Campo olha para a Associação Desportiva Cultural e Social de Castanheira e Zouparria do Campo como uma força viva e de esperança para apoio futuro às populações, sobretudo às mais carenciadas.

**Junta de Freguesia de S. Silvestre
(Coimbra)**

Notícias da AJAC



As actividades planeadas pela AJAC para 2010 iniciaram-se em Janeiro com o Ciclo de Ano Novo, do qual fizeram parte várias iniciativas. Começou-se com a Passagem d'Ano, com animação nocturna que envolveu grande parte dos castanheirenses e os fez sair à rua e percorrer a nossa aldeia, em jeito de dar as boas vindas ao novo ano, com boa disposição e muito barulho. Já no dia 2 cantaram-se as Janeiras, de porta em porta e em tom alegre e divertido, para ajudar a Fanfarra Sacabuxa a adquirir um novo instrumento – o Sousafone. Os donativos de 1.126 euros foram sem dúvida uma ajuda preciosa para a Fanfarra, que agradece a todos a sua contribuição. Já à noite presenciou-se na Casa do Povo o concerto do Coro Sénior do Centro Cultural da Guarda, que nos fez recordar as músicas da nossa História e da nossa infância. Para encerrar este Ciclo, dia 3, o Quinteto de Metais da Escola Profissional de Artes da Beira Interior brindou-nos com a sua fantástica actuação, cujo reportório incluiu algumas peças barrocas e do musical West Side Story.

A Encomendação das Almas é a próxima actividade da AJAC, a realizar em 27 de Março na Castanheira. A preparação está neste momento a decorrer, a vários níveis, incluindo os ensaios do grupo de Encomendação das Almas da Castanheira (ver páginas 6 e 7).



Fanfarra Sacabuxa

Apesar de nem sempre ser fácil reunir os vários membros que integram a Fanfarra, são feitos esforços para que esta continue com o trabalho que tem vindo a desempenhar e a mostrar por esse país fora a musicalidade que os distingue. Muitas requisições têm sido feitas e em 2010 até ao momento

a Fanfarra esteve presente na BTL - Bolsa de Turismo de Lisboa, Stand da Guarda (16/01), na Feira do Queijo em Celorico da Beira (13/02), no Desfile Etno-Cultural no Tortosendo (14/02) e Julgamento e Morte do Galo, na Guarda (15/02). Outras tantas estão já agendadas e as datas e locais podem ser consultados em <http://sacabuxa.blogspot.com>.



2º Passeio BTT

Depois do sucesso que foi o 1º passeio de BTT na Castanheira, está já agendada para o dia 10 de Junho a 2ª edição. Face ao interesse demonstrado na participação na edição do ano passado, podemos antecipar que a principal novidade é a duplicação do n.º de inscrições, que este ano subirá até às 100 inscrições. Uma oportunidade de desfrutar das magníficas paisagens e os seus trilhos, assim como deliciar-se no almoço convívio e divertir-se com as diversas surpresas que temos preparadas para a tarde. Contamos mais uma vez com o patrocínio da empresa JustinTime. Informações e inscrições em www.ajac.com.pt.

Piscinas

À semelhança do ano passado a abertura das Piscinas irá ocorrer no final de Junho, dia 27. Nesse mesmo dia a Castanheira irá presenciar um Desfile de Marchas Populares, em parceria com a Escola de Música da Banda de Píznio.

Outras Notícias

A Junta de Freguesia levou a cabo obras de melhoria na Casa do Povo e na própria Junta de Freguesia. A Casa do Povo apresenta-se assim com um aspecto mais moderno, em tons de laranja, tornando aquele espaço mais acolhedor e funcional.

Os Mordomos do Senhor preparam já a festa do Senhor, dia 3 de Junho, esperando que seja mais uma vez o reencontro de muitos Castanheirenses, que aproveitam este feriado para participarem na festa que marca a aldeia.

A ser planeada está também a Festa de Nª Srª da Conceição que ocorrerá a 23, 24 e 25 de Julho. Como tem vindo a ser hábito, não faltarão as actividades desportivas ou radicais, a Garraiada e a animação que caracteriza esta festa.

Marlene Fortunato

A Castanheira vista do céu

Que tal a Castanheira vista do alto? Dá uma vertigem extraordinária mas diga-se de passagem que fica mesmo bonita. Aquela baleia enorme de pedra ali no meio, o contraste do azul das piscinas, a torre da igreja, as curvas dos caminhos, as manchas dos telhados. Dá para um belo serão a descobrir coisas aqui e ali. Por isso não se fique por aqui. Vá ao www.ajac.com e procure mais pormenores.

Estas e outras fotografias da cidade da Guarda e das freguesias do concelho foram publicadas recentemente através de uma edição Argumentum A GUARDA VISTA DO CÉU com a parceria da Agência para a Promoção da Guarda. É uma obra que vale a pena conhecer. As fotografias são de Filipe Jorge e os textos do arquitecto António Saraiva, a quem agradecemos a cedência das fotografias.



**PALAVRA
DE PRESIDENTE**

**“Tudo bem,
obrigado!”**

Nas minhas idas à Castanheira, quer por razões que se prendem com a direcção da associação quer por razões familiares ou laços de amizade, é cada vez mais comum apetecer-me dar um passeio pela aldeia. Não sei de onde vêm esses súbitos apetites. Será já da idade?

Nessas minhas deambulações, muitas vezes sem destino marcado, vejo que a maior das casas, além de desocupadas, estão em pré-ruína. Poucos anos mais restam a algumas ruas para o deixarem de ser. O mesmo se passa nas caminhadas pelos campos onde é uma raridade encontrar uma horta tratada, um terreno lavrado ou mesmo um lameiro limpo. É lamentável ver o esforço de gerações passadas totalmente votado ao abandono.

Para além da constatação desse abandono, reparo agora que a cada mês que passa se acentua um determinado despovoamento da aldeia. Não bastava já falta de gente a trabalhar os campos ou o abandono quase completo de algumas ruas no fundo do povo, verifica-se agora que, mesmo ao fim-de-semana e em locais onde era costume ocorrerem - tal como cafés, missas, campo de futebol ou simplesmente no largo do Outão - deixaram de acontecer. Refiro-me aos encontros de pessoas. Será o caso isolado deste fim-de-semana? Será do rigoroso Inverno? Será que o Sr. Padre organizou uma excursão a Fátima e foram todos espaiar-se? Ou o Toninho alugou a “carreira” e foram todos a apoiar a equipa de futebol na deslocação ao Freixo de Numão?

Talvez esse repentino gosto em passear se deva à falta desses encontros. E nessas deambulações quando casualmente me cruzo com alguém e me perguntam se está tudo bem, num misto de revolta com resignação, respondo “Tudo bem, obrigado!”. Culpados? Somos todos culpados. Basta disponibilizarem-se para encontros. Eu estou disponível. Num desses caminhos.

Vitor Gonçalves

Ficha Técnica

Boletim da Associação da Juventude Activa da Castanheira
6300-075 Castanheira, e-mail: castanheira.jovem@ajac.com.pt
ou ajac@ajac.com.pt

Director: Vitor Gonçalves Coordenador: Joaquim Martins Igreja

Periodicidade: Quadrimestral Tiragem: 1.000ex.

Paginação: Elsa Fernandes

Impressão: Marques e Pereira (Guarda)

Quer receber gratuitamente o jornal em casa?

Se é associado ou se já fez à AJAC algum donativo, vai continuar a receber o nosso jornal. Se não é associado nem deu nenhum contributo à AJAC, pode fazê-lo. Escreva para: Associação da Juventude Activa da Castanheira, 6.300-075 CASTANHEIRA GRD. A partir do número de Abril de 2009 só nestas condições poder continuar a receber o jornal.

O nosso obrigado a todos aqueles que acreditam no Castanheira Jovem.